

N O R M A S P A R A A P R O N Ú N C I A
D O L A T I M C L Á S S I C O

Consagrado à pronúncia do latim, não poderia este número de CLASSICA deixar de apresentar o conjunto de normas a que tal pronúncia deve obedecer. Encontrando-se há muito esgotada a única monografia que até hoje se publicou em Portugal sobre o tema e não sendo fácil obter as que se têm editado no estrangeiro, tentaremos proporcionar aos nossos leitores um esquema do que seria, na época clássica, a pronúncia romana padrão. Em nota, daremos todos os esclarecimentos que se afigurem oportunos.

A. VALORES DOS FONEMAS

1. VOGAIS³

ǣ ⁴	[a]	(port. má)	-	lat. mālus (mau) ou mālus (macieira)
ĕ ⁴	[e]	(port. pé)	-	lat. ĕs (és)
ē ⁴	[ē]	(port. vê)	-	lat. ēs (comes)
ī ⁴	[i]	(port. ti)	-	lat. līber (livro) ou līber (livre)
ō ⁴	[o]	(port. mó)	-	lat. ōs (osso)
ō ⁴	[o]	(port. avô)	-	lat. ōs (boca)
ū ⁴	[u]	(port. tu)	-	lat. lūtum (lodo) ou lūtum (reseda)
ŷ ⁵	[u]	(fr. vu)	-	lat. hŷdrus (hidra) ou Hŷdrus (Hidrunte)

2. DITONGOS⁶

ae ⁷	[ai]	(port. rei)	-	lat. aēs, caelum
au	[au]	(port. mau)	-	lat. aurum, taurus
ei ⁸	[ei]	(port. reg. e bras. sei)	-	lat. eia !
eu ⁸	[eu]	(port. meu)	-	lat. eurus, seu
oe ⁷	[oi]	(port. boi)	-	lat. oestrus, proelium
ui ⁸	[ui]	(port. fui)	-	lat. hui !

3. SEMIVOGAIS OU SEMICONSOANTES⁹

- i [j] († port. via) - lat. is, iniustus
u [w] († port. tua) - lat. uox, inuoco

4. CONSOANTES

a) Simples

- b¹⁹ [b] ,bilabial (port. hom) - lat. bibo, breuis
c¹⁰ [k] ,velar (port. cão) - lat. Cicero, clarus
d [d] ,dental (port. dá) - lat. Dido, aduersus
f [f] ,labiodental (port. foi) - lat. forfex, flumen
g¹¹ [g] ,velar (port. gato) - lat. gigno, ingratus
h¹² [h] ,aspiração (ingl. house) - lat. habeo, uah !
k¹⁰ [k] ,velar (port. capa) - lat. Kalendae
l¹³ [l] ,alveolar ou [ɫ] ,velar (port. lá, sol) - lat. lolium,
impleo, sol
m¹⁴ [m] ,bilabial (port. má) - lat. memor, templum
n¹⁵ [n] ,alveolar (port. nada) - lat. nanus, ignis¹¹, agmen
p [p] ,bilabial (port. pá) - lat. populus, plenus
q¹⁰ [k] ,velar (port. quando) - lat. quoque
r¹⁶ [r] ,alveolar (port. caro) - lat. rorifer, gratus
s¹⁷ [s] ,alveolar (port. sapo) - lat. susurrus, sestertius,
scrupeus
t¹⁸ [t] ,dental (port. teu) - lat. totiens, tegit, transeo
x¹⁹ [ks] ,velar+alveolar (port. táxi) - lat. Xerxes, lex
z²⁰ [z] ,alveolar ou [dz] ,dental+alveolar (port. zebra ou † port.
desenhar) - lat. ziziphum

b) Geminadas²¹

- cc, ll, ss, etc. - Pronúncia idêntica à das respectivas consoantes simples - lat. cocum, lollius, esse, etc.

c) Aspiradas²²

ch = gr. χ [kh] († al. auch) - lat. charta, pulcher

ph = gr. φ [ph] († al. pferd) - lat. philosophia

rh, rrh = gr. ρ, ρ̄ [r̄] († port. rato) - lat. rhetor, Pyrrhus

th = gr. θ [th] († † enfático do ingl. : tea, to) - lat. thiasus,
hyacinthus

B. ACENTO²³

1. PALAVRAS TÓNICAS

a) Polissílabos

Têm acento na penúltima sílaba, se ela for longa (por natureza ou por posição)²⁴ - Romānus, sagitta ; têm acento na antepenúltima sílaba, se a penúltima for breve - ocūlus, propitiūsus

b) Dissílabos²⁵

Têm acento na penúltima sílaba - Rōma, ante, uīres

c) Monossílabos

Têm acento na única sílaba - lūx, fēr

2. PALAVRAS ÁTONAS

Quando uma palavra átona se agrupa com a palavra tônica anterior (ênclise), o acento desta é deslocado para a última sílaba²⁶ - uirum / uirumque , nobis / nobiscum

NOTAS

1. GUIMARÃES, A. J. Gonçalves - Breviário da Pronúncia do Latim. Coimbra, Impr. da Universidade, 1913. Apesar de desactualizado, a sua consulta é ainda útil.

2. Além de capítulos sobre a pronúncia em manuais consagrados à língua latina, poderão ser consultadas na biblioteca do departamento de Estudos Clássicos as seguintes monografias :

ALLEN, W. Sidney - Vox Latina. The Pronunciation of Classical Latin. Cambridge, University Press, 1970 ;

MAROUZEAU, J. - La prononciation du latin (Histoire, théorie, pratique). Paris, Les Belles Lettres, 1955⁴.

3. Todas as vogais latinas eram orais. A pronúncia que se adopta, dada a impossibilidade de distinguirmos os tempos de emissão de longas e breves, apenas procura reproduzir o respectivo timbre. Para tal, podemos basear-nos em informações de gramáticos romanos, no estudo comparado das línguas românicas, etc. Sérvio, p.ex., diz-nos (H. KEIL - Grammatici Latini, vol. IV, p. 421 = G.L.K. IV, 421. Hildesheim, G. Olms, 1961²) : "Vocales sunt quinque, a e i o u. Ex his duae, e et o, aliter sonant productae, aliter correptae."

4. Segundo alguns estudiosos, ĕ e ŏ seriam vogais breves fechadas, ē e ō longas abertas. Em geral, porém, adopta-se timbre aberto para as breves e fechado para as longas, em conformidade com a articulação mais recuada das últimas, que, de certo modo, se assemelha a uma emissão mais prolongada.

5. Esta vogal foi tardiamente importada para transcrever o v grego. Antes usara-se apenas u. Daí as muitas explicações dadas pelos gramáticos, como esta de Terêncio Escauro (G.L.K., VII, 25) : "[...] cum quaedam in nostrum sermonem Graeca nomina admissa sint, in quibus euidenter sonus huius litterae exprimitur [...], in eisdem hac littera necessario utimur."

6. No latim arcaico existiu o ditongo ou (p. ex., douco = duco), que seria pronunciado como o nosso ou da região duriense : [ou].

7. Alguns manuais estrangeiros indicam as pronúncias [aj] (port. caí) e [oi] (port. rói) para os ditongos ae e oe. Basta, porém, pensar um pouco para se ver a imprecisão de tal pronúncia. Com efeito, se na época arcaica se escreveu ai, oi, no período clássico ae, oe e na fase tardia da língua e (que sabemos haver sido também uma pronúncia regional), temos de estar em presença de transcrições diferentes de pronúncias diferentes. Consequentemente, como o português dispõe dos ditongos [aj], [oi] e [aj], [oi] e como as grafias arcaicas ai e oi parecem corresponder aos primeiros, será vantajoso utilizar os segundos para a leitura de ae e oe. Que tal critério não andarà muito longe da realidade poderá inferir-se, p.ex., da análise fonética dos cinco fonemas, aliás fora do âmbito deste trabalho.

8. Estes ditongos são raros em palavras latinas do período clássico : ei era mais corrente no latim arcaico (ceiuis = ciuis, deiuos = diuus, etc.) ; eu só quase se utiliza em helenismos (Euripides, Euclides, etc.) ; ui pouco ultrapassa alguns casos de sinérese — a ui que alguns autores chamam sinizese (cui a par de cui, fuit por fuit, etc.)

9. Trata-se dos fonemas tradicionalmente grafados j e v, consoantes que a língua latina desconhecia. O estudo da métrica é muito útil para se observarem as características ao mesmo tempo consonânticas e vocálicas das semivogais ou semiconsoantes latinas.

10. O latim dispunha de três símbolos para representar a oclusiva velar surda : c, k e q. Prisciano (G.L.K., II, 12) explica : "K enim et q, quamuis figura et nomine uideantur aliquam habere differentiam, cum

c tamen eandem tam in sono uocum quam in metro potestatem continent. Et k quidem penitus superuacua est : nulla enim uideatur ratio, cur a sequente haec scribi debeat : 'Carthago' enim et 'caput', siue per c siue per k scribantur, nullam faciunt nec in sono nec in potestate eiusdem consonantis differentiam. Q uero propter nihil aliud scribenda uidetur esse, nisi ut ostendat, sequens u ante alteram uocalem in eadem syllaba positam perdere uim litterae in metro."

11. A pronúncia tradicional do latim considerava gn equivalente a [ŋ] (port. ninho) e gi equivalente a [ʒi] (port. giz). Nada justifica a existência de [ŋ] e [ʒ] no latim clássico.

12. Embora saibamos que os romanos cultos do período clássico aspiravam as vogais iniciais precedidas de h (=espírito áspero do grego), caindo até em exageros que Catulo maliciosamente critica no seu epigrama contra Arrio (Carm., LXXXIV), a verdade é que a aspiração não era considerada pelas classes populares. Quanto ao h medial, nem sempre teria sido pronunciado, conforme demonstram, por um lado, formas do tipo de diribeo (<dis+habeo) e, por outro, grafias medievais como michi (por mihí). O h final corresponderia a uma ligeira aspiração, por assim dizer inerente ao próprio valor exclamativo (tentemos ouvir os nossos oh ! e ah!). Ora, se as observações dos escritores romanos demonstram o artificialismo do problema e se outros elementos corroboram as suas informações, parece que poderemos negligenciar a pronúncia das aspiradas, seguindo, aliás, uma propensão que as línguas românicas testemunham.

13. Prisciano (G.L.K., II, 29) foi muito específico sobre os valores do l : "L triplicem [...] sonum habet : exilem, quando geminatur secundo loco posita, ut 'ille', 'Metellus' ; plenum, quando finit nomina uel syllabas et quando aliquam habet ante se in eadem syllaba consonantem, ut 'sol', 'silua', 'flauus', 'clarus' ; medium in aliis, ut 'lectum', 'lectus'." Relativamente à consoante simples, a de que nos ocupamos agora, bastará pronunciar-la como em português, que também dispõe dos fonemas que Prisciano considerava com sonum plenum (l velar) e sonum medium (l alveolar).

14. Com a sua habitual minúcia, Prisciano (G.L.K., II, 29) distingue três tipos de m : "M obscurum in extremitate dictionum sonat, ut 'templum' ; apertum in principio, ut 'magnus' ; mediocre in mediis, ut 'umbra'." Seja, porém, qual for a posição do m latino, o seu ponto de articulação não se altera, pelo que pode pronunciar-se como o m português, sem nasalar as vogais precedentes (ressalvada a inevitável acomodação). No que respeita ao m obscurum, o gramático regista um facto que o estudo das inscrições, da métrica e das línguas românicas igualmente comprova : o m final quase se não fazia ouvir.

15. O n apenas levanta um problema de ordem teórica, visto que, ao velarizar-se antes de velar, passa a ter o som que se representa por [ŋ]. É um facto a que Ácio já se mostra sensível, ao grafar gg por ng, à semelhança dos γγ helênicos. Trata-se, meramente, de um caso de acomodação, que também se verifica na nossa língua. Podemos, por isso, pronunciar o n latino sem qualquer preocupação que não seja a de não nasalar as vogais anteriores.

16. Sabemos, com grandes probabilidades de aproximação, qual o som da canina littera, um r "rolado", idêntico ao de certas regiões do nosso país. Todavia, seguindo o princípio de evitar exageros, podemos pronunciar-lo com a articulação que lhe dermos em português.

17. O s latino era surdo, em qualquer posição. Importa, portanto, corrigir a tendência para o sonorizar em posição intervocálica. Quando final, o s mal se fazia ouvir, segundo se depreende de certos erros gravados em inscrições. Esta tendência ainda se manifesta em línguas românicas, u.g., no português do Brasil e de África ou no cas-

telhano da Andaluzia.

18. A pronúncia do t merece dois reparos : não se deve sonorizar o t final, lendo-o d, e não se deve considerar sibilante surda o t seguido de i, lendo o grupo como ci [si]. O latim conheceu estes valores, em pronúncias regionais ou tardias, mas não devemos esquecer que procuramos reproduzir os fonemas do latim clássico.

19. Embora o x possa equivaler a cs ou gs (p. ex., apex / -cis ou lex / -gis), a verdade é que a surda ensurdece o g, pelo que a pronúncia poderá ser [ks] em qualquer dos casos. A mesma razão leva alguns autores a aconselharem que bs se leia ps. Neste caso, porém, a obediência à lógica afigura-se muito bizantina.

20. Tal como o y e as consoantes aspiradas (cf. notas 5 e 22), o z foi tardiamente importado para transcrever o zeta grego. Antes usara-se s, ss, etc. Sendo divergentes as opiniões acerca da pronúncia do zeta e, conseqüentemente, do z, propomos que a letra latina se leia [dz] ou, de preferência, apenas como sibilante sonora [z]. Inclina-mo-nos para a segunda opção, tendo em conta que a sibilante é o factor mais constante em todas as pronúncias e grafias, e que foi ela que prevaleceu nas línguas românicas e no grego moderno.

21. Os gramáticos latinos registaram (cf., p. ex., nota 13) e o estudo comparado das línguas românicas confirma que estas consoantes eram pronunciadas de modo diferente das consoantes simples correspondentes ; mas, como seria difícil tentarmos articular a duplicação que W. S. Allen (op. cit., p. 11) muito bem exemplifica com as palavras inglesas rat-tail, hop-pole, bus-service e unnamed, podemos pronunciá-las sem atender à geminação. Devem rejeitar-se, porque nada comprova a existência de tais pronúncias no latim clássico, alterações do tipo ecce [ekke] lido [ekse] ou [ese], adoptadas na pronúncia tradicional.

22. Trata-se, uma vez mais (cf. notas 5 e 20), de importações tardias para transcrever o chi, o psi, o phi e o theta helénicos. Antes utilizara-se c, p, r e t. Visto que em português não existem consoantes aspiradas, sugerem-se valores aproximados.

23. Tudo indica ter o acento latino do período clássico carácter musical. Porque não sabemos emiti-lo e porque na época de Sêrvio já era intensivo — "accentus in ea syllaba est quae plus sonat" — (G.L.K., IV, 426), podemos reproduzi-lo como tal, isto é, à semelhança do acento português.

24. Para os leitores menos versados na matéria, três definições que para os outros serão redundantes :

- sílaba longa por natureza é a que tem uma vogal longa por natureza ou um ditongo (di-co, au-rus) ;
- sílaba longa por posição é aquela em que a uma vogal breve se seguem duas consoantes ou consoante dupla (lit-te-ra, bú-xum) ;
- sílaba breve é a que tem uma vogal breve (pi-us, fér).

25. Os dissílabos do tipo istoc, istuc, illac, illic, illinc, etc. conservam o acento na sílaba em que incidia quando eram trissílabos (... + ce), isto é, na última, antes penúltima. Os advérbios lá e ali (port.), allá e alli (esp.), là e li (ital.) comprovam os comentários dos escritores romanos sobre o assunto.

26. Apesar de certas divergências, a opinião mais seguida pelos gramáticos latinos era a que, p. ex., Sêrvio registou nos seus comentários à Eneida (I, 116) : "syllabis ultimis, quibus particulae iunguntur, accentus tribuitur, ut 'musaque', 'illene', 'huiusque', sic ergo et 'ibidem'." As excepções devem-se a motivos analógicos.